

poemas de **Marcos A. Ramos**

[a superfície porosa do gozo]

o ar poemático
que habita a palavra
não diz

sequer o corpo
oco se aflige
nesse precipício

o braço cobre a extensão não dita
o mar inacabado que o pulso não toca
abre uma fenda no pulmão

a passos de quebrar a superfície porosa
do gozo

[borboleta noturna]

a passos de parar

o movimento da composição

uma borboleta noturna

magra estende

a seqüência de pausas

escandida em pauta

no tato cobre o pulso

febril e incide no corpo

surdo

[passos de prosseguir]

como esperar

o fulgor do gozo

antes do desconforto

incessante que habita

o museu de tudo

não há contingência

– em vigília

que seja evidente

toda direção sabe

a insuficiência de manter

passos de prosseguir

[a febre retida]

a manhã exata insere

a febre retida

no ciclo absoluto do dia

o pulso desatado desenha

a anemia do laço que o poema

inaudito sufoca em gritos

tudo conflui à palavra

[no exercício do verso]

a direção que toma
o fluxo incidente da palavra
no exercício do verso

habita

– antes

o corpo tocado
pela ausência

[inscrita em corpo]

a propriedade poemática
de um tenso silêncio
se anuncia não na fratura espessa
do trauma cravado no verso

mas na duvidosa prosa
inscrita em corpo

[a direção ausente]

não há movimento possível
na insuficiência da fala apática
que inaugure a seqüência
restrita do passo de prosseguir

a direção ausente
– mais uma vez
se anuncia no rosto da catatonia

[parar a urgência]

foi tocar o fluido quente
do gozo não esperado
(ex-morto)

assim, transformar os pés
em intacta dor:
a cidade inaugurada é retida
em jardim de fugitivos.

agora já não mais passar além
do movimento de ante
-passo
mas conter a urgência em rostos frios

[quando falta a língua]

quando falta à língua

o indizível que incite

tempo de ação

(negação)

a mão mais uma vez

arrisca

(sem estorvos)

a fala que sustenta o peso

próximo ao som de uma febre

antiga

[mover-se]

orientar o passo

de inventar um cais

até o exercício de se inscrever

na casa e perder a direção

(o desejo de continuar

assíduo)

[em ausência de tato]

a tensão ao esvaziar
o lago quente do corpo
avança com gosto
atrito de repetição

em antinomias evidentes
o pulso
(por mais que salte um pesar do olho)

desarma do chão
um piso que sustente
a cama no asfalto

nenhum dedo toca
o torso apodrecido pela poeira do frio

as línguas permanecem amanhecidas
em ausência de tato.

[do desejo de outra fala]

a vontade (como a fome)
escapa o seio da estrada.

imemorial,
veste o corpo ataviado
do desejo de outra fala:

detém, atravessa, habita

Marcos A. Ramos nasceu em 1988, cursa Letras e Psicologia. Atualmente se dedica aos temas: literatura brasileira contemporânea, teoria da literatura, psicanálise. Tem publicado artigos em periódicos e prepara seu primeiro livro de poemas - "O corpo de uma linha".